

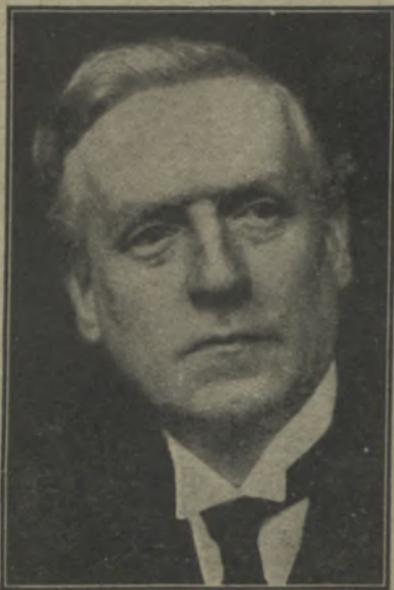
H. S. 4297

A GUERRA
SUAS CAUSAS E SIGNIFICAÇÃO
DISCURSOS PROFERIDOS
PELO PRESIDENTE DO CONSELHO

H. H. ASQUITH

EM

AGOSTO-OUTUBRO DE 1914



LONDRES :
EYRE & SPOTTISWOODE, LTD.

1915.

H. 2.4381

OPEN

A GUERRA
SUAS CAUSAS E SIGNIFICAÇÃO
DISCURSOS PROFERIDOS
PELO PRESIDENTE DO CONSELHO

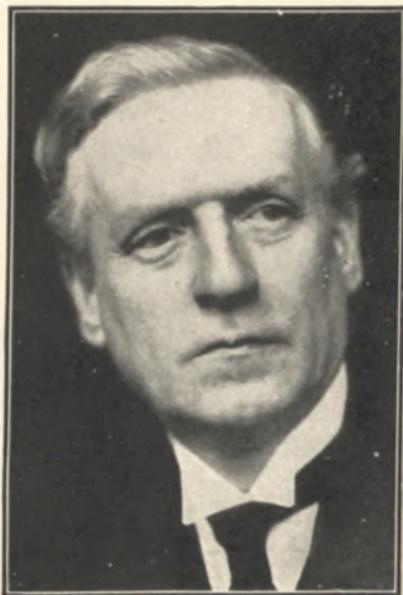
H. H. ASQUITH

EM

AGOSTO-OUTUBRO DE 1914



B. 68736



LONDRES :
EYRE & SPOTTISWOODE, LTD.

1915.



**DISCURSO NA CAMARA DOS COMMUNS
EM 6 AGOSTO DE 1914,**

**JUSTIFICANDO A MOÇÃO PARA UM VOTO DE
CREDITO DE £100,000,000.**

No meu pedido a esta camara para que vote a resolução que o Snr. presidente acaba de ler, do seu logar não proponho, por me parecer desnecessario tratar dos mesmos pontos de que meu distincto amigo, o ministro dos negocios estrangeiros, se occupou ha duas ou trez noites. Declarou elle—e não creio que nenhuma de suas affirmações seja susceptivel de contestação—como ainda a não recebeu, quaes os motivos que com a maior reluctancia e infinito pezar, levaram o governo de Sua Magestade a colocar este paiz em estado de guerra, com a potencia com a qual durante muitos annos ou mesmo bastantes gerações tinha mantido amistosas relações. Mas, Senhor presidente, os documentos que desde então teem sido submettidos ao parlamento e que se acham agora em poder dos distinctos deputados mostrarão, me parece, o quanto foram ardentes, incessantes, persistentes, ainda mesmo quando já parecia ter desaparecido o derradeiro vislumbre de esperança, os esforços de meu distincto amigo para alcançar para a Europa uma paz honrosa e duradoura. Todos sabem que na grande crise que teve logar no anno findo, no oriente da Europa, foi reconhecido pela Europa que em grande medida ou mesmo principalmente se deve ás providencias tomadas pelo meu distincto amigo, o ter-se circumscripto à area do conflicto e que pela parte que tocava as grandes potencias, se conseguiu manter a paz. Se infelizmente na presente occasião, os seus esforços não foram coroados de igual rezultado, estou certo que esta camara e o paiz e accrescentarei, a posteridade e a historia, lhe accordarão, o que afinal de tudo é o melhor tributo que se pode conceder a qualquer estadista que jamais nem por um instante menoscabando, sequer uma pollegada da honra e interesses da propria patria, luctou como poucos homens teem luctado, para manter e preservar o maior dos interesses de todos os paizes, a paz universal. Estes documentos que se acham agora em mãos dos Senhores deputados mostram alguma coisa mais do que isso. Mostram quaes as condições que nos foram offerecidas em cambio da nossa neutralidade. Confio que não só os deputados d'esta camara, como tambem todos os nossos concidadãos, onde quer que se encontrem, lerão as communicações, lerão, aprenderão e notarão as communicações que se passaram faz hoje apenas uma semana entre Londres e Berlim sobre o assumpto. As

condições mediante as quaes se tentou comprar a nossa neutralidade constam da communicação feita pelo chanceller allemão a Sir Edward Goschen em 29 de Julho, No. 85 do livro publicado. Acho acertado que a elle eu faça referencia por um momento. Depois de se referir ao estado de cousas entre a Austria e a Russia, prosegue Sir Edward Goschen :—

“Passou então a mercadejar vivamente pela neutralidade ingleza. Disse que era evidente, até onde lhe era possível julgar, que o grande principio, pelo qual se regia a politica britannica, que a Grã-Bretanha nunca se deixaria ficar de braços cruzados permittindo que a França fosse esmagada em qualquer conflicto que podesse dar-se. Não era esse, comtudo, o objecto visado pela Allemanha. Contanto que a neutralidade da Grã-Bretanha ficasse assegurada, dar-se-hiam todas as seguranças ao governo britannico que o governo imperial” . . .

Note a camara estas palavras—

. . . “não visava a nenhuma aquisição de territorio á custa do governo francez, no caso de ficar victoriosa em qualquer guerra que podesse vir a ter lugar.”

Sir Edward Goschen passou então a fazer uma pergunta muito a propósito :—

“Perguntei a Sua Excellencia acerca das colonias francezas” . . .

— O que são as colonias Francezas? Quer dizer todas as partes dos dominios e possessões da França fóra da area geographica da Europa—

“e disse elle não lhe ser possível a este respeito tomar igual compromisso.”

Vamos agora ao que, a meu entender, pessoalmente, sempre foi o ponto dominante e consideração culminante, isto é, á posição dos estados menores :—

“Com referencia porem a Hollanda, Sua Excellencia disse que emquanto os adversarios da Allemanha respeitassem a integridade e neutralidade dos Paizes Baixos a Allemanha estava prompta a dar ao governo de Sua Magestade uma segurança de que faria o mesmo.”

Chegamos agora á questão da Belgica :—

“Dependia da acção da França quaes as operações que a Allemanha se veria forçada a emprehender na Belgica, mas quando a guerra fosse terminada a neutralidade da Belgica seria respeitada se ella não se tivesse alistado do lado dos inimigos da Allemanha.”

Observe a Camara a distincção entre os dois casos. Com referencia á Hollanda não era só independencia e integridade, como tambem a neutralidade, mas com respeito á Belgica, não

havia menção alguma de neutralidade, nada mais do que uma segurança que depois de terminada a guerra, a neutralidade da Belgica seria respeitada. Depois accrescentou Sua Excellencia:—

“Desde que fora nomeado chanceller, o alvo da sua politica havia sido o poder estabelecer um *modus-vivendi* com o Inglaterra. Confiava que estas seguranças” . . .

as seguranças que eu li a Camara—

“poderiam formar a base para o entendimento que elle tanto desejava.”

A quanto se reduz tudo isso? Permitta-me que interrogue a camara? Faço-o, não com o objecto de inflamar paixões, certamente não com o objecto de excitar os sentimentos contra a Allemanha, faço-o porem para defender e tornar clara a posição do governo britannico na questão. A que se reduzia essa proposta? Em primeiro logar significava isto: que por traz das costas da França, a qual não era parte n'estas communicações, teriamos dado, se tivessemos concordado, carta branca á Allemanha para annexar, sendo bem succedida na guerra, todos os territorios e possessões extra europeos da França. O que significava isto quanto á Belgica? Quando ella dirigiu, como o fez estes ultimos dias, o seu commovente appello para que nós cumprissemos a nossa solemne garantia da sua neutralidade, que resposta poderiamos ter dado áquelle appello belga? Teriamos sido obrigados a dizer que sem o seu conhecimento tinhamos mercadejado á potencia que a ameaçava a nossa obrigação de cumprir a nossa palavra empenhada. A camara leu, o paiz leu ha poucas horas o appello tocantissimo que nos dirigiu o Rei da Belgica e não invejo o character do homem que se possa conter e conservar o coração frio depois da leitura de semelhante appello. Os belgas estão combatendo e sacrificando as suas vidas. Qual teria sido a posição da Inglaterra no dia de hoje em face deste spectaculo se tivessemos assentido a tão infame proposta? Sim e que é que obteriamos em troca da traição a nossos amigos e deshonna de nossas obrigações? Uma promessa, nada mais, uma promessa do que a Allemanha faria em certas eventualidades, promessa note-se, e sinto dizel-o, mas que deve ser registado officialmente, dada por uma potencia a qual n'esse mesmo momento estava annunciando a sua intenção de violar o seu proprio tratado, convidando-nos a fazer o mesmo. Só posso dizer que se tivessemos tergiversado ou contemporisado, nós como governo ficaríamos cobertos de eterna deshonna e teriamos atraído os interesses d'este paiz de que somos curadores. Folgo e creio que o paiz tambem folgará em voltarmos á resposta dada pelo meu distincto amigo e de que passo a ler a camara duas das passagens mais salientes. Este documento No. 101 do livro branco, regista ha uma semana, a attitude do Governo Britannico e segundo creio, do povo britannico. Diz o meu distincto amigo:—

“O governo de Sua Magestade, nem por sombras pode admitir a proposta do chanceller, de ligar a sua neutra-

lidade a semelhantes condições. O que de facto elle nos pede é que nos comprometta-mos a assistir impassiveis a que a França seja roubada de suas Colonias no caso de ficar vencida, desde que a Allemanha se não apodere de territorios francezes que não sejam os das colonias. Sob o ponto de vista material”

O meu distincto amigo, usou como sempre, de linguagem muito medida na sua resposta :—

“semelhante proposta é inaceitavel, pois a França sem mesmo se lhe arrancar territorio na Europa, ficaria tão reduzida que deixaria de ser uma grande potencia passando a ser subordinada a politica allemã.”

Este é o aspecto material. Continuou elle porem dizendo :—

“Independente d’isso, seria uma deshonna para nós, fazer semelhante negociata com a Allemanha á custa da França, deshonna que jamais ficaria lavado o bom nome deste nosso paiz. O chanceller tambem nos pede para de facto mercadejar toda a obrigação ou interesse que temos no que diz respeito a neutralidade da Belgica. Tampouco poderiamos tomar semelhante negociata em consideração.”

Diz em seguida :—

“Devemos manter a nossa plena liberdade para agir segundo as circumstancias o exijam.”

E accrescentou elle, em sentenças que a meu ver a camara devidamente apreciará :—

“Deveis accrescentar com o maior encarecimento que o unico meio de manter as boas relações entre a Inglaterra e a Allemanha é que continuem trabalhando de commum accordo para a preservação da paz da Europa Tendo isto em mira, este governo continuará trabalhando neste sentido com toda a sinceridade e boa vontade.”

“Se a paz europea poder ser mantida e atravessar-se a presente crise a salvamento, tomarei a meu cargo promover alguma combinação mediante a qual a Allemanha, que della fará parte, adquira a segurança de se não adoptar politica alguma aggressiva ou hostil contra ella ou seus alliados por parte da França, Russia e nós, em commum ou isoladamente. É isto o que tenho desejado e para isto tenho trabalhado”

Nunca houve asserção mais verdadeira :

“emquanto me foi possivel, durante a ultima crise dos Balkans e como a Allemanha tivesse um objecto correspondente, as nossas relações pareciam ter melhorado consideravelmente. Esta idea tem sido atéqui demasiado utopista para poder formar assumpto de propostas definitivas, mas se a presente crise, muito mais aguda do que

qualquer outra por que a Europa tem passado durante gerações, poder passar-se a salvo, alimento esperanças que o alívio e reacção que se seguirá possa tornar possível estabelecer algum *rapprochement* mais definido do que tem sido possível até agora.”

Na minha opinião, este documento manifesta claramente em linguagem temperada e convincente a attitude do governo. Quem é que ao lê-lo deixará de apreciar o tom de evidente sinceridade e vehemencia que delle transparece? Pode alguém honestamente duvidar que o governo deste paiz apesar de grande provocação, e eu encaro as propostas que nos foram feitas como propostas que poderíamos ter posto á margem, sem consideração e quasi sem resposta pode alguém pôr em duvida que apesar de grande provocação o honrado cavalheiro que já tinha adquirido o titulo de pacificador da Europa, tenha persistido até ao ultimo momento da ultima hora nesse benefico mas infelizmente frustrado proposito? Tenho o direito de dizer e faço-o em nome deste paiz—fallo não só por um partido, fallo pelo paiz em geral—que fizemos todos os esforços que um governo podia fazer pela paz. Mas esta guerra foi forçada sobre nós. Porque é que estamos combatendo? Todos sabem e ninguem melhor do que o governo, os terriveis e incalculaveis soffrimentos economicos, sociaes, pessoas e politicos que acarreta a guerra e especialmente uma guerra entre as grandes potencias do mundo. Não ha um unico homem sentado nesta bancada, nestes dias de provação, os dias mais criticos que foi dado passar a um grupo de estadistas desde ha cem annos, não ha um unico homem entre nós que não tenha, durante todo esse tempo, tido claramente perante si os soffrimentos, quasi sem igual, que a guerra, ainda mesmo que a causa seja justa deve causar, não só para os povos que neste momento vivem neste paiz e nos outros paizes do mundo, mas á posteridade e todas as esperanças de civilização europea. Todas as providencias que temos tomado tem sido sempre com aquella mira perante nossos olhos e com o sentimento de responsabilidade que é impossivel descrever. Infelizmente, se a despeito de todos os nossos esforços para manter a paz e com essa consciencia do resultado, plenamente esmagadora, se a decisão tivesse que ser dada em favor da guerra, julgamos todavia ser de nosso dever, bem como no interesse de todo o paiz, fazer guerra, a camara pode ter toda a certeza que foi porque acreditamos, e estou certo que o paiz acreditará, que estamos desembainhando a espada em uma causa justa.

Se me perguntarem porque é que estamos pelejando, responderei em duas sentenças. Em primeiro lugar, para cumprir uma solemne obrigação internacional, obrigação esta que se tivesse sido contrahida entre particulares, segundo as communs vocações da vida, teria sido considerada como uma obrigação, não só de lei, como de honra que ninguem que se prezasse podia de forma alguma ter repudiado. Em segundo lugar, digo que estamos pelejando para defender o principio, que

nestes dias em que a força material, parece as vezes ser a influencia e factor dominante no desenvolvimento da humanidade, estamos combatendo para defender o principio de que as pequenas nacionalidades não devem ser esmagadas, affrontando a boa fé internacional, pela vontade arbitraria de uma potencia forte e dominadora. Não creio que jamais nação alguma tenha entrado em uma grande lucta e esta é uma das maiores que a historia terá conhecido, com uma consciencia mais tranquilla e convicções mais solidas de que esta, pelejando não por aggressão, não para sustentar os seus proprios interesses egoistas, mas sim pela defeza de principios cuja sustentação é vital para a civilisação do mundo. Com plena convicção não só da prudencia e justiça de nossa causa, como tambem das obrigações que nos incumbe para provocar esta grande questão, estamos entrando na lucta. Certifiquemo-nos agora se todos os recursos não só do Reino Unido mas tambem do vasto imperio de que é centro estão sendo postos no prato da balança e é com o fim de se alcançar devidamente este desideratum que vou agora pedir a esta commissão—formular o pedido nada usual, de dar ao governo um voto de credito para £100,000,000. Não entrarei e estou certo que a commissão não o deseja, nas distincções technicas entre votos de credito e orçamentos supplementares e toda as subtilezas que se originam por esse lado. Ha um ponto de vista muito mais elevado que esse. Se fosse necessario, eu poderia justificar sobre bases puramente technicas, a orientação que pretendo seguir mas não passarei a fazel-o porque creio ser estranho á indole e disposição de commissão. A uma coisa deveras chamo a attenção isto é o titulo e cabeçalho do Bill. En geral no passado, os vótos desta especie tem sido passados simplesmente para operações navaes e militares, achámos porem acertado pedir á commissão que nos desse a confiança para a extensão da tradicional area de votos de credito, de modo que este dinheiro que lhe estamos pedindo nos permittam dispendir, possa ser applicado não só para operações estrictamente navaes e militares, como tambem para contribuir para os fornecimentos de mantimentos, promover a continuação do commercio, industria, negocio e communicações que por meio de seguro ou indemnização contra risco ou de outro modo, para auxilio aos necessitados e em geral para todas as despesas originadas por este estado de guerra. Creio que a commissão concordará conosco em que foi prudente alargar a area do voto de credito de modo que includesse todas estas diversas materias. Dá carta branca ao governo. Claro está, o tesouro prestará contas e toda a despeza que for effectuada sera sujeita á approvação da camara. Creio que seria muito para lamentar, ou antes seria um grande desastre, se em uma crise destas proporções, nos achassemos impossibilitados de crear recursos, recursos muito mais necessarios agora do que o eram sob as condições mais simples que prevaleciam nos dias passados pois todas as varias ramificações e desenvolvimento de despeza que a existencia do estado de

guerra entre as grandes potencias de Europa deve acarretar para qualquer dellas.

Na minha cathogoria de ministro de guerra—posição esta que occupei até esta manhã—estou tambem pedindo um orçamento supplementar de mais homens para o exercito. A commissão permittir-me ha talvez, que por um momento diga em referencia a essa parte pessoal, que eu tomei o cargo de ministro da guerra em condições ás quaes não é necessario referir-me mas que ainda se acham frescas na memoria de todos, esperançado e com o fim de que o estado de cousas no exercito que todos nós deploravamos, podesse chegar a um termo e se restabelecesse completa confiança. Creio que é isto o que se dá, direi mesmo, sei que é um facto. Não ha corpo mais unido e leal, nenhum outro corpo em que o espirito e habito de disciplina se acha tão profundamente entranhado e apreciado como exercito inglez. Por muito prazer que eu teria tido em continuar com os trabalhos deste cargo, e tel-o-hia feito em condições normaes não seria razoavel para o exercito, não seria justo para o paiz que qualquer ministro dividisse sua attenção entre esse departamento e um outro e menos ainda que o primeiro ministro da corôa que tem que olhar pelas transacções de todos os departamentos e que em derradeiro logar é responsavel por toda a politica do gabinete apenas desse, como de outro modo não podia deixar de ser, mediocre attenção aos negocios do nosso exercito em uma grande campanha. Muito me apraz dizer que um distinctissimo soldado e administrador na pessoa de Lord Kitchener, com aquelle grande civismo e patriotismo que todos esperariam delle, tenha entrado para a brécha, a meu pedido, Lord Kitchener não é, como toda a gente sabe, um politico. Suas relações com o governo como membro de gabinete para este effeito, não devem ser consideradas de modo algum, como se elle se tenha identificado com qualquer grupo de politicos. Em uma grande crise publica correspondeu ao grande clamor publico e estou certo que no desempenho de uma das tarefas mais arduas que jamais foi dada a um ministro elle terá a completa confiança de todos os partidos e de todas as opiniões.

Em nome d'elle estou pedindo para o exercito, authorisação para augmentar o numero de homens de todas as armas, em addição ao numero já votado, de não menos de 500,000. Estou certo que a commissão não recusará a sua sancção, pois anima-nos a fazel-o não só a propria consciencia da gravidade e necessidades do caso, mas o conhecimento de que a India esta preparada para com certeza nos mandar duas divisões e que cada um dos nossos dominios autonomos, espontaneamente sem lhes ter sido pedido, já nos offereceu até ao maximo limite das suas possibilidades, tanto em homens como dinheiro todo o auxilio que poderem prestar ao imperio, em occasião de necessidade. Senhor, a mãe patria deve dar o exemplo, ao mesmo tempo que corresponde com gratidão e afeição as propostas filiaes dos membros affastados da familia.

Senhor presidente, não me alargarei mais. Não é esta uma ocasião para discussão litigiosa. Em tudo quanto tenho dito julgo não ter ido além dos rigorosos limites da verdade, quer na formulação de nossa posição ou na minha descrição, geral das provisões que julgamos necessario effectuar. Não é meu intento, não é intento de nenhum patriota, inflamar os sentidos, entregar-se a rhetoricas, excitar animosidades internacionaes. A ocasião é grave de mais para isto. Temos um grande dever a cumprir, temos uma grande incumbencia de que nos desempenhar e confidentemente esperamos que o parlamento e o paiz nos facilitarão poder fazel-o.

**DISCURSO NA CAMARA DOS COMMUNS,
EM 27 DE AGOSTO DE 1914.**

PEÇO licenca para mover a resolução, “ Para que seja apresentada
“ a Sua Magestade uma respeitosa mensagem supplicando-lhe
“ que faça transmittir a Sua Magestade o Rei da Belgica,
“ a sympathia e admiração com que esta camara encara
“ a heroica resistencia offerecida pelo seu exercito e povo á
“ inqualificavel invasão de seu territorio e uma segurança da
“ determinação deste paiz em coadjuvar de todos os modos os
“ esforços da Belgica em defeza da sua propria independencia e
“ do direito publico do Europa.”

Poucas palavras bastam para recomendar a camara a mensagem cujos termos serão brevemente lidos pela presidencia. A guerra que actualmente se acha abalando até aos alicerces todo o systema europeu, foi originada por uma questão em que este paiz não tinha interesse directo. Diligiámos com todo o nosso poder, como todos sabem, evitar que ella rebentasse e quando isso já não era possivel, circumscrever a sua area. É extremamente importante e creio que pertinente a esta moção que fique claramente comprehendido quando foi e porque foi que nós interviemos. Foi apenas quando nos achámos confrontados pela escolha entre guardar e quebrar obrigações solemnes, entre o cumprimento de uma incumbencia obrigatoria e de vergonhosa subserviencia á força bruta que lançámos fora da bainha a espada. Não nos arrendemos da decisão. A questão era uma destas que nenhum nação grande e que se preze e por certo que nenhuma creada e desenvolvida como a nossa neste antigo foco da liberdade, poderia deixar de aceitar sob pena de eterna vergonha. Estavamos ligados por obrigação, simplesmente e primeiro que tudo, a fazer valer e sustentar a independencia ameaçada de um estado neutral e pequeno. A Belgica não tinha interesses proprios a servir com excepção do interesse supremo e predominante de todo o estado grande ou pequeno que é digno

do nome, a preservação da sua integridade e de sua vida nacional.

A historia diz-nos que o dever de fazer valer e manter esse grande principio, que afinal é a fonte mãe do progresso e civilização, tem cabido de vez em quando aos estados relativamente pequenos em area e população, mas grandes em coragem e em resolução, a Athenas, a Sparta, aos cantões suissos e não menos gloriosamente ha trez seculos aos Paizes Baixos. Nunca, Senhor presidente, ousou asseveral-o, tem sido esse dever mais clara e heroicidade do que durante as ultimas semanas, pelo Rei de Belgica e o povo belga. Tem feito frente sem pestanejar e quasi que com incalculaveis desproporções aos horrores da invasão, da devastação, da espoliação e barbaridade. Teem resistido com temeridade fazendo deter com successo a, onda invasora, uma apoz, outra de força gigantesca e esmagadora. A defeza de Liège será sempre o thema de um dos capitulos mais inspiradores dos annaes da liberdade. Os belgas conquistaram para si a gloria immortal que pertence a um povo que prefere a liberdade á abastança, a segurança e a propria vida. Orgulhamo-nos com sua alliança e amizade Saudamol-os com respeito e com honra. Estamos com elles de coração e alma, porque a seu lado e em sua companhia estamos defendendo ao mesmo tempo duas grandes causas — a independencia dos estados menores e a sanctidade dos tratados internacionaes. Asseguramos-lhes, como peço á camara de o fazer nesta mensagem, que hoje lhes asseguramos hoje em nome do Reino Unido e de todo o imperio que elles podem contar até ao final com o nosso auxilio, de todo o coração e infalivel apoio.

**DISCURSO NO GUILDHALL,
EM 4 DE SEPTEMBRO DE 1914.**

MEU LORD MAYOR e cidadãos de Londres, passaram ja trez annos e meio desde que pela ultima vez tive a honra de me dirigir nesta sala a uma reunião de cidadãos. Estavamos então reunidos sob a presidencia de um dos vossos predecessores, homens de todos os credos e partidos para celebrar e approvar a declaração conjuncta dos dois grandes estados que fallam inglez, de que para o futuro quaesquer differenças seriam decididas, senão por accordo, pelo menos por inquerito judicial e arbitragem e nunca por forma alguma por meioda guerra, fossem quaes fossem as circumstancias. Aquelles de entre nós que saudaram aquelle grande "eirenicon" entre os Estados Unidos e nós, como um marco na estrada do progresso, não estavam bastante sanguineos para pensar ou sequer para esperar que a era da guerra se achava approximando

do seu termo. Mas muito menos preparados estavamos para anticipar o terrivel spectaculo que agora nos confronta, uma lucta que pelo numero e importancia das potencias envolvidas, as proporções de seus armamentos e exercitos, dimensões de theatro do conflicto, o derramamento de sangue e perda de vida, o incalculavel onus de soffrimentos impostos sobre não combatentes, as perdas moraes e materiaes accumuladas de dia a dia para os mais elevados interesses da humanidade, contestação que em cada um destes aspectos não tem precedente nos annaes do mundo. Estavamos muito confidentes ha trez annos da justiça de nossa posição quando nos felicitámos pelas novas seguranças de paz. Igualmente estamos hoje confidente quando reluctantemente e contra a nossa vontade, mas com juizo e consciencia limpa, nos achamos envolvidos com toda a força de nosso imperio neste sanguinario duello entre a força e o direito. A decisão passou agora do dominio do argumento para outro campo. Deixai-me porem perguntar-vos e por vosso intermedio ao mundo inteiro, em que situação nos teriamos encontrado como nação hoje em dia, se por timidez ou por pervertido calculo de egoismo ou por uma paralyção do sentimento da honra e dever tivessemos sido bastante vis para faltar a nossa palavra e infieis aos nossos amigos? Nossos olhares neste momento achar-se hiam dirigidos, com os do mundo civilizado para a Belgica, um estado pequeno que tem vivido ha mais de setenta annos sob uma garantia collectiva de diversos, á qual nós em commum com a Austria e Prussia, fomos partes. Teriamos visto, a instancia e pela acção de duas das potencias garantes, violada sua neutralidade, estrangulada sua independencia, o seu territorio aproveitado como caminho mais facil e conveniente em uma guerra de aggressão não provocada, contra a França. Nós, o povo britannico, neste momento estariamos de braços cruzados com o semblante facil de imaginar, emquanto que este pequeno estado sem protecção em defeza de suas liberdadas vites fazia uma resistencia heroica contra as forças esmagadoras e orgulhosas. Teriamos estado admirando, como espectadores desprendidos, o cerco de Liège, a firme e varonil resistencia de um pequeno exercito, a occupação de Bruxellas com todas as suas esplendidas tradições e memorias, a gradual repulsão dos patrioticos defensores de sua patria até as muralhas de Anvers, innumerous barbarismos soffridos por elles, levas de piratas estorquidas da innocente população e finalmente o maior do crimes commettido contra a civilização e cultura desde a guerra dos trinte annos, ó saque de Louvain, com seus edificios e quadros, sua bibliotheca unica, suas associações sem rival, um vergonhoso holocausto de thesouros irreparaveis, incendiado pela cega vinganca de barbaros. Que conta poderiamos nós, governo e povo d'este paiz, ter prestado ao tribunal de nossa consciencia nacional e sentimento de honra, se a despeito das nossas obrigações empenhadas e solemnes tivessemos consentido, sem fazer o nosso possivel para evitar, sim, para vingar estes intoleraveis damnos? Pela minha parte digo que de preferencia

a ser um espectador mudo, o que quer dizer um cumplice accommodado, deste tragico triumpho da força sobre o direito e da brutalidade sobre a liberdade, preferiria ver esta nossa patria apagada das paginas da historia.

Isto é apenas uma phase, phase de sombrio e illuminante fulgor na contestação a que temos sido chamados a tomar parte pelo mandado do deyer e honra. A cynica violação de neutralidade da Belgica não foi tudo, mas sim um passo, o primeiro passo, em um politica deliberada da qual senão o immediato, o derradeiro e não longinquo alvo era o de esmagar a independencia e autonomia dos estados livres da Europa. Primeiro a Belgica, em seguida a Hollanda e Suissa, paizes como o nosso, impregnados e sustentados pelo espirito da liberdade, seriam um após outro submettidos ao jugo. E estas ambições foram alimentadas e fomentadas por um corpo de doutrina nova, por uma nova philosophia pregada por professores e homens de letras. O livre e amplo desenvolvimento autonomo o qual para estes pequenos estados, para nós, para os nossos grandes e crescentes dominios ultramarinos, para os nossos primos alem do Atlantico é a fonte, alento da vida da sua existencia nacional, esse livre desenvolvimento autonomo é uma offensa capital no codigo dos que fizeram da força a sua suprema divindade e sobre os seus altares estão preparados para sacrificar tanto os fructos guardados como os germens potencias do espirito humano desalgemado. Faço uso desta linguagem deliberadamente.

Não é este conflicto meramente material e sim tambem espiritual. Do seu resultado ver-se-ha que mais tarde ou mais cedo dependerá tudo o que encerra a promessa de esperança, que conduz á emancipação e mais ampla liberdade para os milhões que compoem a massa de humanidade.

Voltemo-nos agora por momentos para a actual situação da Europa. Qual é a nossa posição? Durante os ultimos dez annos, pelo que considero felizes e bem estudados arranjos diplomaticos, estabelecemos relações amistosas e cada vez mais intimas com as duas potencias França e Russia, com as quaes em tempos passados temos tido em varias partes do mundo occasião de constantes attrictos e de vez em quando, de possiveis conflictos. Estas novas e melhores relações baseadas em primeiro logar, no principio commercial de reciprocidade, resolveram se por fim em disposição concentrada de confiança e boa vontade. Nunca foram em qualquer sentido ou em qualquer epoca dirigidas contra outras potencias.

Não ha homem algum na historia da humanidade que tenha trabalhado mais laboriosamente ou com mais successo do que o meu distincto amigo Sir Edward Grey para o que é o interesse supremo do mundo moderno—uma paz geral e duradora. Atrevo-me a emittir a opinião que é uma critica superficial a que dá á entender, que sob a sua guia a politica deste paiz tem ignorado, e menos ainda que contrariou e embaraçou o concerto da Europa. Ha pouco mais de um anno, quando ainda sob a pressão e labutação da crise dos Balkans os embaixadores das

grandes potencias se reuniam aqui dia apoz dia e semana apoz semana encurtando a area de differenças possiveis, reconciliando ambições e alvos divergentes e preservando, quasi contra incalculaveis disparidades a harmonia geral e foi no mesmo espirito e com o mesmo proposito, quando ha poucas semanas a Austria mandou o seu ultimatum á Servia, que o secretario dos negocios estrangeiros, pois foi elle, apresentou a proposta para uma conferencia mediadora entre as quatro potencias que não eram directamente affectadas — a Allemanha, a França, a Italia e nós. Se essa proposta tivesse sido acceteite, a actual controversia teria sido solvida com honra para todos e toda esta terrivel effusão de sangue teria sido evitada. E a quem cabe a responsabilidade da sua recusa e todos os infinitos sefrimentos que agora confrontam o mundo. Uma potencia, e uma potencia somente, e essa potencia é a Allemanha. É ella a base e origem desta catastrophie mundial. Nós perseverámos até ao fim e ninguem que não tenha sido confrontado como nós estavamos com a responsabilidade, a qual, a menos que não se tenha estado cara a cara com ella, não seria possivel medir, a responsabilidade de determinar as consequencias de paz e guerra, ninguem que não tenha estado nessa posição, não pode avaliar a fortaleza, energia e persistencia com que luctámos pela paz. Perseveramos em todos os expedientes que a diplomacia poderia suggerir, forçando quasi até ao ponto de ruptura as nossas amizades mais queridas e obrigações, mesmo até ao ultimo momento fazendo esforço sobre esforço e embalando—nos com esperanza contra esperanza. Então e só então, quando finalmente tivemos que convencer-nos que a escolha se achava entre a traição e boa fé, quando finalmente chegamos á linha divisoria que faz ou destroe uma nação digna de tal nome, foi só então que nos declaramos pela guerra.

Haverá aqui alguem nesta salla ou neste Reino Unido ou no vasto imperio em cuja capital e centro nos encontramos, que nos censure ou se arrende da nossa decisão? Se não ha, como creio que não haja, devemos robustecer-nos para a nossa tarefa e com o mesmo espirito que animava os nossos predecessores na sua lucta contra o dominio de Napoleão, devemos perseverar e perseveremos até ao final.

Seria um erro criminoso depreciar quer a magnitude, a qualidade combatente, ou o poder de resistencia das forças que se acham em armas contra nós; seria porem igualmente insensato, e da mesma forma indefensivel, apoucar os nossos proprios recursos, quer de resistencia ou ataque. A Belgica mostrou-nos por meio de um memoravel e glorioso exemplo, o que um estado relativamente pequeno pode fazer quando seus cidadãos se acham animados e abraçados pelo espirito de patriotismo.

Na França e na Russia temos does alliados, as maiores potencias do mundo, envolvidas como nós em uma causa commum, que não tencionam separar-se de nós assim como nós não tencionamos separar-nos dellas. Nos mares contamos com a esquadra mais forte e magnifica que o mundo jamais viu. A

força expedicionaria que partiu de nossas costas ha menos de um mez nunca teve segunda como o tem provado pelas suas gloriosas proezas no campo da batalha, não só no equipamento material como na qualidade physica e moral de suas partes constituintes.

Emquanto á armada, estou certo que meu digno amigo Snr. Churchill, que muito nos apraz ver aqui, vos dirá que felizmente pouco ou nada, felizmente, resta que fazer. Não é por lisonja que digo que a sua superioridade se acha igualmente pronunciada em todos os departamentos e espheras de actividade. Contamos com ella com a absoluta maxima confiança não só para guardar as nossas costas contra a possibilidade de invasão, não só para encerrar os gigantescos navios de combate do inimigo, na ingloria seclusão de seus proprios portos, donde de vez em quando sahem para semear o mar de assassinas armadilhas que são mais prehes de ameaças para os navios neutraes, do que para a esquadra britannica. Tudo isto faz a nossa armada e com quanto, que como não duvido se ache impaciente por medir forças em combate leal, em campo livre que por ora com prudencia lhe tem sido negado, faz ainda muito mais. Tem cãado a marinha mercante allemã do alto mar. Tem conservado livres os caminhos para os nossos abastecimentos de alimentos, emquanto que tem consideravelmente reduzido os do inimigo, e quando os poucos cruzadores allemães que ainda infestam as arterias do oceano mais affastadas, tiverem sido liquidados—como não tardará que o sejam—garantirá para o commercio británnico e neutral, em transito de ida e volta, de todos os portos do nosso imperio uma immuniidade tão completa como aquella de que gozavam durante os dias de paz ininterrupta. Honremos a memoria dos bravos marinheiros que, na execução de um ou outro destes multiplos deveres, cheios de responsabilidade, já deram as suas vidas pela patria.

Com referencia ao exercito, existe a necessidade um esforço novo, continuo, determinado e unido. Porque, á medida que a guerra prosegue, teremos não só de substituir as falhas causadas pelas baixas, não só de manter a nossa força militar no seu effectivo primitivo, devemos, porem, alem disso, a termos que desempenhar um papel digno, de augmentar suas proporções, augmentar seus numeros a multiplicar muitas vezes o seu effectivo como instrumento de combate. O objectivo deste appello que eu vos fiz, meu Lord Mayor, e aos outros primeiros magistrados de nossas cidades capitaes, é de lhes fazer pesar a imperiosa urgencia deste supremo dever.

Os nossos dominios autonomos por todo o imperio, sem solicitação alguma da nossa parte, demonstraram com uma espontaneidade e unanimidade sem rival na historia a sua determinação de affirmar a sua fraternidade com nosco e de fazerem sua a nossa causa.

Do Canadá, da Australia, da Nova Zelandia, e da Terra Nova, os filhos do imperio mantem, não como obrigação mas sim como privilegio, seu direito, sua boa vontade em contribuir

com dinheiro, material, e o que é melhor do que tudo, força e virilidade, a fortuna e vida dos melhores de seus filhos.

A India com não menor entusiasmo, reclamou a sua parte na tarefa commum. Todas as classes e credos, inglezes e indigenas, principes e povo, indios e mahometanos, rivalisam uns com outros em nobre emulação. Duas divisões do nosso magnifico exercito da India se acham já a caminho. Acolhamos com apreço e affecto o auxilio que nos offerecem, e em um imperio que não conhece distincção de raça ou classe, onde todos da mesma forma são subditos do rei imperador, e zeladores em commum dos nossos interesses e fortuna saudemos com profunda e cordial gratidão a sua camaradagem ao nosso lado e das tropas da metropole e dos dominios sob a bandeira que é um symbolo para todos de uma unidade que o mundo em armas não pode desmembrar ou dissolver.

Com estes inspiradores appellos e exemplos de nossos cidadãos de todo o mundo, que estamos nós fazendo, e que deveriamos estar fazendo na metropole? A mobilisação foi ordenada em 4 de Agosto. Immediatamente depois Lord Kitchener mandou publicar a sua chamada de 100,000 recrutas para o exercito regular, que foi seguido de um outro de mais 100,000. O responso até hoje accusa entre 250 a 300,000 homens' e é com prazer que vejo Londres ter contribuido com o seu quinhão. O numero total de Londrinos alistados não é inferior a 42,000. Excusado será dizer que o total não implica depreciação ou desanimação de força territorial. O numero de unidades nessa força que se tem offerecido para serviço no estrangeiro é muito satisfactorio e augmenta de dia para dia. Temos toda a confiança nelles de que augmentarão o seu numero, aperfeiçoarão sua organização em treinagem, e para desempenhar a parte efficaz que sempre lhes foi attribuida, tanto offensiva como defensiva, no systema militar do Imperio.

Mas voltando a expansão do exercito regular, precisamos de mais homens, homens da melhor qualidade de combatentes e se de momento o numero dos que se offerecem e são accites chegar a ser em excesso dos que se podem desde logo ser adequadamente exercitados e equipados, não os deixeis em duvida que provisão appropriada será feita para incorporação de todos os homens de boa vontade e capazes nas forças combatentes del Rei. Primeiro que tudo precisamos de homens, e procuraremos conseguir que esses homens desejosos de servir juntos sejam distribuidos, sempre que possivel, pelo mesino regimento ou corpo. O levantamento de batalhões por condados ou por municipalidades com este intuito, será encorajado de toda a maneira, mas precisamos com não menos urgencia, de um maior supprimento de officiaes, de ex-officiaes subalternos, a flor dos homens que tenham servido o seu paiz no passado e a quem portanto na maioria dos casos estaremos pedindo que abandonem os seus empregos regulares, afim de voltarem a trabalhar para o estado, fazendo o que so elles são competentes para fazer.

A chamada que fazemos é dirigida tanto aos seus patrões como aos proprios homens. Certamente que se lhes deve assegurar que no fim da guerra retomar as suas antigas collocações. Em fim, ha quantidades de officiaes subalternos que estão retirados, com vasta experiencia do lidar com tropas, que serviram no passado. Que se apresentem, tambem, e mostrem a sua boa vontade, sendo preciso, para exercitar corpos de homens para os quaes de momento não se pode achar quadros ou unidades regulares. Pouco mais tenho a dizer.

Emquanto ao proseguimento real da guerra, nada direi senão, que a meu ver, qualquer que seja a direcção em que olhemos, vemos sobejos motivos de nos orgulharmos e de ter confiança.

Nada mais direi, porque julgo deveriamos ter presente, todos nós, que actualmente estamos vigiando as fluctuações da sorte apenas nas phases primitivas do que vai ser uma lucta prolongada. Temos que aprender a ver bem longe e sobretudo a cultivar entre todas as qualidades—as da paciencia, resistencia e firmeza.

Entretanto, tratemos cada um de nós, do nosso papel proprio na grande tarefa commum.

Nunca teve um povo tantas ou tão ricas fontes de encorajamento e inspiração. Convençamo-nos, primeiro, que tudo que estamos combatendo como um Imperio unido em uma causa digna das mais elevadas tradições da nossa raça. Tenhamos presente em nosso espirito os pacientes e indomaveis marinheiros que nunca descuram um momento sequer, a sua rigorosa vigilia, dia e noite, nos tristes mares. Tenhamos sempre presentes as nossas valentes tropas que hoje depois de quinze dias de continuo pelejar em condições que poriam á prova o valor do melhor exercito que jamais se dirigisse para o campo sustentam uma frente não só não batida como tambem ininterrupta.

Por fim, lembremo-nos das memorias dos grandes homens e dos grandes feitos do passado, commemorados alguns delles nos monumentos que vemos por estas paredes, sem esquecer a mensagem do jovem Pitt agonizante, as suas ultimas palavras á meza de vosso predecessor, meu Lord Mayor, nesta mesma sala, “Inglaterra salvou-se a si pelos seus esforços e pelo seu exemplo “salvará, confio, a Europa.” A Inglaterra desses dias deu uma nobre resposta a este appello e não embainhou a espada senão depois de ter conseguido a liberdade apoz de cerca de vinte annos de combate. Avante e façamos o mesmo.

DISCURSO EM EDIMBURGO, 18 DE SETEMBRO DE 1914.

HA uns quinze dias, na Guildhall da cidade de Londres, procurei apresentar á nação e ao mundo as razões que nos haviam compellido, o povo que de todos tem o maior interesse na manutenção da paz, a lançarmo-nos nos riscos e horrores da guerra. Não desejo repetir hoje por miudos o que então disse. A guerra originou-se immediata e ostensivamente, como todos sabem, de uma desintelligencia entre a Austria e a Serbia, a qual não nos affectava directamente neste paiz. A historia diplomatica destas semanas criticas, a ultima quinzena de Julho e os primeiros dias de Agosto, acha-se agora accessivel a todo o mundo. Durante os ultimos poucos dias foi supplementada pelo admiravel e elucidante despacho do nosso ex-embaixado em Vienna, Sir Maurice de Bunsen; despacho que espero que todos leiam e ninguem que o ler duvidará que em grande medida foi devido a Sir Edward Grey, meu digno amigo, as condições de um arranjo pacifico da actual controversia, se achavam já a vista quando em 31 de Julho a Allemanha pela sua propria deliberação tornou a guerra uma cousa certa.

Os factos são incontrovertiveis. Ninguem procura contovertel-os, excepto, na verdade, pela invenção e circulação de tão ociosas mentiras taes como que a França estava contemplando e mesmo começando a violação do terreno belga como primeiro passo a caminho da Allemanha. O resultado é que nós estamos em guerra, e estamos em guerra—como já mostramos n'otra parte, e repito aqui novamente—por trez razões. Em primeiro lugar, para vingar a sanctidade de obrigações de tratados e do due com justiça se chama o direito publico da Europa; em segundo lugar, para asseverar e fazer respeitar a independencia qos estados livres, relativamente pequenos e fracos, contra usurpação e violencia da parte dos fortes; em terceiro lugar para resistir, como cremos, a bem dos interesses melhoes, não só do nosso proprio imperio, mas da civilização em geral, a pretensão arrogante de uma unica potencia, de dominar o desenvolvimento dos destinos da Europa.

Desde o meu ultimo discurso, tem-se feito varias e fracas tentativas na Allemanha para contestar a exactidão e sinceridade das asserções de nossa attitude e objectivo. Tem por exemplo suggerido que o nosso pretendido zelo pelos direitos do tratado e pelos interesses dos estados pequenos é uma paixão recém-nascida e simulada. Perguntam-nos o que é que a Grã-Bretanha se tem importado no passado pelas pequenas nacionalidades ou tratados, a não ser quando ella tinha alguma segunda tenção e fim egoista para sua conveniencia? Estou perfectamente preparado para acceitar essa contestação, e replicar pelo unico meio em que é

possivel fazel-o, isto é, referindo-nos á historia; e das muitas illustrações de que poderei fazer uso contentar-me-hei com duas largamente affastadas quanto á epoca, mas muito a proposito para o caso actual, coincidencia esta que se dá. Referir-me-hei pois a primeira guerra que de principio foi feita contra o governo revolucionario da França e depois contra Napoleão, que rebentou em 1793 e durou mais de 20 annos. Tinhamos então á testa do governo deste paiz, um dos ministros mais amigo da paz que jamais teem presidido aos nosso destinos, Mr. Pitt. Pelo espaço de trez annos, de 1789 a 1792, recusou absolutamente intervir nos actos revolucionarios em França, ou nas guerras que delles se originaram, e creio, que já em Fevereiro de 1792, em um discurso memoravel na camara dos communs que mostra entre outras coisas o curto alcance da previsão humana, declarou que nunca houvera uma epoca em que neste paiz se pudesse mais razoavelmente contar com 15 annos de paz. E o que é que foi que dalli a poucos mezes desta declaração, levou este ministro pacifista á guerra? Foi o atropello de direitos por tratados, garantidos por nós, de um pequeno estado europeu, os chamados ao tempo Estados Geraes da Hollanda.

Durante 200 annos as grandes potencias da Europa haviam garantido a Hollanda a navegação exclusiva do rio Escalda. O governo revolucionario da França invadira o que hoje é a Belgica e como primeiro acto de hostilidade contra a Hollanda declarára livre a navegação do Escalda. O nosso interesse nesse assumpto, então como hoje, era relativamente pequeno e insignificante. Qual foi porem a resposta de Mr. Pitt? Cito as palavras exactas de que fez uso na camara dos communs; por serem tão applicaveis ás actuaes circumstancias. Foi isto em 1793:—

“A Inglaterra jamais consentirá que um outro paiz se arrogue o direito de a seu bel prazer annullar o systema politico da Europa estabelecido por tratados solemnes e garantido pelo consentimento das potencias.”

E proseguiu dizendo: “Se esta camara, a camara dos communs, tem a tencão de desempenhar fielmente seus committidos, se tem conceito justo da fé solemne dos tratados é preciso que mostre a sua resolução de os fazer valer.” E foi em consequencia daquella pertinaz e inabalavel determinação de manter os tratados e de defender os pequenos estados, de resistir ao dominio aggressivo de uma só potencia, que nos achamos envolvidos em uma guerra que fizemos para evitar tudo quanto era possivel e que foi levada a uma escala tanto em area como em duração como até alli nunca fora visto na historia da humanidade.

Esse é um precedente. Deixem-me citar outro. Refiro-me agora a 1870, quando este mesmo tratado, do qual somos partes não menos que a Allemanha, e que garante a integridade e independencia da Belgica, se achava ameaçado. Mr. Gladstone era então o chefe de gabinete do paiz e se possivel, era ainda um advogado da paz mais ardente de que o proprio Mr. Pitt.

Mr. Gladstone apezar de tão pacifista, era, tão pundonoroso sobre a questão das sanctidade das nossas obrigações que, embora tambem aqui não tivéssemos em jogo nenhum interesse directo, elle fez accordos com a França e Prussia para cooperarem com um ou outro dos belligerente se o outro violasse o territorio belga. Permittam-me que leia uma passagem de um discurso 10 annos depois, em 1880, pelo proprio Mr. Gladstone nesta cidade de Edimburgo em que elle revendo aquella transacção explicou as suas razões da mesma.

Depois de narrar os factos que eu summarisei, disse isto: "Se nos tivéssemos lançado em guerra"—o que elle estava preparado para fazer—"teriamos ido pelejar pela liberdade. Teriamos guerreado pelo direito publico, teriamos ido combater para livrar a felicidade humana de ser invadida por uma potencia tyrannica e desregrada. Isto é o que eu chamo uma boa causa, meus Senhores. E embora eu deteste a guerra, contra qual não ha epithetos por muito fortes que sejam que eu não procure arrojá-lhe, uma guerra como esta, enquanto me resta o alento estou prompto a acceital-a."

Basta pelo que diz respeito á minha propria acção em referencia a tratados e estados pequenos. Fraca porem como seja este desmentido desta parte de nosso caso, mais fraco ainda se torna, dissolve-se no mais tenue dos ares, quando trata do nosso ponto de vista que nós e nossos alliados estamos resistindo contra uma potencia cuja mira é nada menos do que o dominio da Europa. Effectivamente é a crença confessada dos dirigentes do pensamento da Allemanha, não direi do povo allemão, mas d'aquelles que durante muitos annos no passado tem manipulado a politica allemã, que tal dominio e com elle a supremacia do que elles chamam a cultura allemã e o espirito allemão, é a melhor coisa que poderia acontecer ao mundo.

Deixai-me perguntar o que vem a ser a cultura allemã? O que é este espirito allemão do qual os exercitos do Imperador são actualmente os missionarios na Belgica e na França. A humanidade deve muito á Allemanha, uma grande divida pelas contribuições que tem dado para a philosophia, para a sciencia e para as artes, mas o que é especificamente allemão no movimento do mundo nos ultimos 30 annos tem sido pelo lado intellectual, o desenvolvimento da doutrina da suprema e ultima prerogativa nas questões humanas de força material e pelo lado practico o ter occupado o lugar proeminente no fabrico e multiplicação do machinismo de destruição. Aos homens que adoptaram este evangelho, que creem que a força é o unico fim do estado, naturalmente um tratado nada mais é do que um pedaço de pergaminho e todo o palavreado do velho mundo acerca do direito do fraco e as obrigações do forte nada mais que hypocrisia sedica e repugnante.

Um aspecto muito notavel desta nova escola de dontrina, quaesquer que sejam os seus meritos intellectuaes ou moraes, é que como codigo real para a vida sahio-se uma philosophia myopê.

Pois a cultura allemã e o espirito allemão não salvaram o imperador e seu povo de illusões e erros de calculo tão perigosos como absurdos em referencia ao imperio britannico. Estes cultos observadores tinham-nos tomado por descendentes decadentes de um povo que por uma combinação de sorte e fraude, tinha conseguido obter o dominio de uma vasta quantidade da superficie e populações do globo. Esta aggregação fortuita que se conhece pelo nome de imperio britannico suppunha-se estar fundada em alicerces tão pouco seguros, e de tão fraca cohesão, que ao primerio toque de uma ameaça seria do exterior, desmoronar-se-hia ficando prostrada por terra. Os nossos dominios do ultramar estavam enfastiadissimos de ligação imperial. A India, segundo era notorio a todo, o viajante allemão, estava prestes a revoltar-se abertamente e nós na metropole, nós o povo do reino unido, achavam-nos divididos por dissensões tão profundas e ferozes que as nossas energias quer para resistencia ou ataque ficariam completamente paralyzadas. Que sonho tão phantastico! E que despertar tão brusco! E é nesta erro de calculo tão vasto e grotesco e ao mesmo tempo tragico que se encontra uma das raizes, talvez a raiz principal da presente guerra.

Mas avancemos mais um passo. Tem-se dito "Pelos fructos serão conhecidos," e a historia registará que quando o dado foi lançado, e a lucta começou, foram os discipulos daquelle mesmo credo que fizeram reviver methodos de combater que havia já seculos tinham sido condemnados pelo bom senso, assim como pela humanidade da grande massa do mundo civilizado.

Louvain, Malines, Termonde. São estes nomes que d'ora em diante ficarão marcados na frente da cultura allemã. O saque brutal das antigas e famosas cidades da Belgica, acha-se admiravelmente supplementado pela historia que hoje nos chega da França, do nosso proprio quartel general, da proclamação publicada ha menos de uma semana pelas authorities que ficaram por um momento e felizmente, por pouco mais do que um momento, em occupação da veneravel cidade de Reims. Deixai-me que vos leia, pois merece ser registado, o paragrapho final da proclamação:—

Com o fim de garantir de forma conveniente a segurança das tropas e inspirar tranquillidade a população de Reims, as pessoas abaixo mencionadas (em numero de 81, e incluindo todos os cidadãos proeminentes da cidade) foram presas como refens pelo commandante em chefe do exercito allemão. Estes refens serão enforcados á menor tentativa de desordem. Igualmente a cidade será total ou parcialmente queimada e os habitantes enforcados por qualquer violação do supramencionado.

Por ordem das authorities allemãs.

Não esqueçamos que é de uma potencia cujos dirigentes intellectuaes se acham obcecados pelo ideal que descrevi e cujos generaes no campo, sancionam e até mesmo ordenam estes

processos, é dessa potencia que procede a pretensão de impor a sua cultura, o seu espirito, o que representa o seu dominio, sobre o resto da Europa. É essa uma pretensão, digo eu a todos os meus concidadãos, a todos os meus compatriotas e subditos do imperio britannico a cujos ouvidos e olhos possam chegar minhas palavras, é essa uma pretensão que tudo quanto é grande no nosso passado e tudo quanto promete esperança ou progresso no futuro, nos convida a resistir até ao ultimo extremo. A tarefa, não alimentemos illusões a esse respeito, não será leve. A sua completa realização e só uma realização completa é digna de nossas tradições ou satisfará a nossa resolução, levará mezes certamente, pode mesmo levar annos. Hoje estou aqui não para vos pedir que calculeis o custo, pois não ha preço que seja demasiado elevado quando a honra e a liberdade se acham em jogo, mas para vos expor, como tenho procurado, qual a magnitude do resultado final e a necessidade suprema que nós temos como nação ou antes, como fraternidade e familia de nações, de nos erguermos á altura e desempenharmo-nos no nosso dever.

A guerra já dura ha mais de seis semanas. A nossa supremacia no mar ainda não foi seriamente questionada. Amplos abastecimentos de alimentos e materias primas estão a caminho das nossas costas, de todos os pontos do universo. As nossas industrias, com uma ou duas excepções, mantem a sua actividade. A falta de emprego não é sensivelmente acima do normal. A situação monetaria melhorou, e todos os esforços que o zelo e a pericia do ministro da fazenda, com a cooperação e parecer que os experimentados banqueiros e homens de negocio podem idear, está sendo posto em practica, empregando-se todos os esforços para se concluir o mais essencial, o completo restabelecimento dos cambios estrangeiros. Entretanto, a marinha mercante do inimigo tem sido expulsa dos mares, e os nossos marinheiros estão ainda, paciente ou impacientemente, aguardando uma occasião de se medir com a armada contraria. Grande e incalculavel é a divida que temos contrahido estas semanas, e que em crescente proporção iremos devendo á nossa marinha. A marinha não precisa de auxilio e á medida que os mezes decorrerem, graças a uma politica previdente no passado a sua força proporcional augmentará.

Se nos voltamos para o nosso exercito, podemos dizer com igual justiça e orgulho, que durante estas semanas elle fez reviver as mais gloriosas recordações do passado. Sir John French e seus bravos officiaes e soldados vivem nos nossos corações, como viverão nas memorias dos que vierem depois. Feitos tão esplendidos porem, quer em retiradas, quer em avançadas, não se conseguem sem grande dispendio de vidas e membros, de equipagens e fornecimentos. Mesmo agora, ainda no proprio inicio, creio que não haja aqui uma unica pessoa que não esteja soffrendo de anciedade e incerteza. Alguns de nós achamo nos mergulhados em dor pela perda dos que amamos

levados alguns delles na primavera de sua existencia. Não os lamentaremos por demais.

“ One crowded hour of glorious life
Is worth an age without a name.”

É necessario preencher estas bréchas. Os estragos da guerra moderna são implacaveis e quasi inconcebiveis. Nós temos,—digo,—o governo de Sua Magestade, tem, desde que começou a guerra, já mandado para a frente bem, mais de 200,000 homens, tendo-se tomado as mas largas disposições para os ter bem supridos de tudo o que se torna necessario em viveres, em munições e equipamento. Em breve serão reforçados por tropas de linha da India, do Egypto e do Mediterraneo, e em devido tempo pelos contingentes que os nossos dominios estão fornecendo com tão magnifico patriotismo e liberalidade. Entre nós acham-se os bravos territoriaes, uma força que progride de dia a dia em efficiencia e se impaciente e anceaia por ser chamada a serviço, quer no paiz quer no estrangeiro, segundo o que de ella se exigir.

Mas ainda não é tudo. Precisamos fazer mais ainda. Em pouco mais de um mez já temos meio milhão de recrutas para os quatro novos exercitos, que como Lord Kitchener disse hontem ao paiz, elle tenciona apromptar para mandar ao campo da batalha. Recrutando-se como se fez na semana passada, em um só dia tantos homens como temos estado accostumados a ver recrutados em um anno, não é de surprehender que o machinismo tenha por vezes soffrido desarranjo com o trabalho e que tenha havido muitos casos de inconveniente temporario, transtornos e desconforto. Com tempo e paciencia e boa organização estas cousas serão postas em ordem e a nova tabella de adiantamentos que se annunciou hontem no parlamento muito contribuirá para mitigar a sorte das mulheres e creanças e dependentes que ficam em casa. Precisamos de mais homens, e talvez mais ainda de auxilio para os exercitar. Todo aquelle que no reino tenha servido a sua patria em tempos passados como official ou subalterno, nunca terá tido melhor occasião de serviço do que agora se apresenta.

Appellamos á virilidade dos trez reinos. Estou bem certo que a este appello do vosso decano representante na camara dos communs, a Escocia não fará ouvidos de mercador. A Escocia vai bem, e mais do que bem e nenhuma parte da Escocia, creio eu, relativamente melhor do que Edimburgo. Não posso dizer com que prazer ouvi dizer as cifras citadas pelo Lord Provost e as que me foram citadas pelo bravo general commandante das tropas escocezas, que mostram o que eu realmente esperava, que a Escocia está fazendo mais do que na verdade lhe cabe.

A esse respeito devo repetir-vos o que eu disse ha duas semanas em Londres. Julgamos ser da maxima importancia que tanto quanto possivel e sujeito aos accidentes de guerra, as pessoas que pertençam ao mesmo logar, respirando a mesma

atmosphera e tenham as mesmas relações, se conservem juntas.

Só me resta mais uma palavra a dizer. O que é que podemos offerer aos nossos recrutas? Elles vem ter conosco espontaneamente, sem compulsão alguma, de motu proprio, satisfazer uma necessidade nacional e imperial; não lhes apresentamos incitamento material algum quer de bonus ou suborno e tem que enfrentar-se com a perspectiva de uma temporada de trenagem pesada, da qual a maioria dos confortos e todos os regalos, a que muitos delles tem estado accostumados se acham rigorosamente excluidos, mas depois que estiverem perfeitamente equipados para a sua patriotica tarefa, terão a oportunidade de descarregar um golpe ou mesmo de sacrificar as suas vidas, não para servir a causa de ambição ou aggressão, mas para sustentar a honra e lealdade do nosso paiz para proteger a independencia de estados livres, para defender contra a força bruta os principios da civilização e as liberdades da Europa.

DISCURSO EM DUBLIM, 25 DE SETEMBRO 1914.

HA poucas semanas tomei a liberdade de suggerir aos quatro principaes magistrados do Reino Unido que me concedessem a oportunidade de fazer um appello pessoal aos seus cidadãos em um grande momento na nossa historia nacional. Já entreguei a minha mensagem a Londres e a Edimburgo. Á primeira destas grandes comunidades poude dirigir-me como inglez de nascença e como londrino pelas minhas antigas ligações e longa residencia de ha muitas annos. Para a segunda, a capital do antigo reino da Escocia, tenho especiaes credenciaes por ser seu representante na Camara dos Communs desde ha uns bons 30 annos e agora mesmo por um dos tristes privilegios do tempo, o decano dos deputados escoceses. Hoje porem ao apresentar-me em Dublin não posso fazel-o com uma ou outra destas pretensões. Baseio meu titulo, tal como elle é na vossa hospitalidade e attenção aos serviços que porventura no decurso de toda a minha carreira politica eu tenho procurado cordealmente, segundo as minhas melhores faculdades e oportunidades, prestar á Irlanda. Não venho aqui como partidario, nem sequer como politico, mas sendo por ora a cabeça do governo d'El-Rei, a convidar a leal e patriotica Irlanda a tomar o seu logar na defeza da causa commum.

Não faz parte da minha missão esta noite, e na verdade a estas horas é perfeitamente desnecessario justificar e ainda menos desculpar a parte que o governo do Reino Unido tem tomado nesta suprema crise dos nossos negocios nacionaes. Tem havido guerras no passado com respeito ás quaes houve

diversidade de opiniões,, inquietação sobre o acerto da nossa diplomacia, anciedade sobre a opportunidade da nossa politica, duvidas sobre a justiça essencial da nossa causa. Nada de isso se dá hoje. Mesmo na lucta memoravel travada ha uns cem annos contra o dominio de Napoleão houve sempre uma minoria respeitavel, não só pelo numero como pela sinceridade e eminencia de seus adherentes, que quebrou a linha de nossa união nacional. Repito pois, que tal caso não se dá hoje. Sentimos como uma nação—ou antes deveria dizer, fallando aqui e olhando em torno do nosso vasto imperio em todos os pontos do globo, como uma familia de nações—sem distincção de credo ou partido, de raça ou clima, de classe ou secção, que estamos unidos em defender principios e em manter interesses que são vitaes, não só para o imperio britannico, como para tudo o que vale a pena ter na nossa civilização commum, e tudo o que é digno de se esperar de futuro progresso da humanidade.

Que melhor ou mais elevada causa, quer sejamos bem ou mal succedidos (e não vamos ser mal succedidos), que causa mais elevada poderá despertar e alistar as melhores energias de um povo livre do que estar occupado simultaneamente em defender a lealdade internacional, em dar protecção ao fraco contra a violencia do forte, e na manutenção dos melhores ideaes, de todas as communiidades em todas as epochas dos tempos e em toda a parte do mundo contra as transgressões dos que creem e que pregam e que practicam a religião da força?

Não é necessario, estou certo que haveis de convir commigo, que vos demonstre mais uma vez que a Allemanha é o editor responsavel desta guerra. As provas estão patentes, e são multiplices e esmagadoras. Na verdade, da Allemanha, sobre este ponto apenas nos chega um desmentido se assim se pode chamar, um desmentido muito fraco e do typo mais formal. Durante uma geração tem estado ella preparando o terreno, equipando-se por mar e por terra, fortificando-se com allianças, e o que ainda é mais importante talvez, ensinando a sua mocidade a procurar conseguir como a primeira e mais importante da coisas humanas a supremacia da força allemã e do espirito allemão e durante todo esse tempo guardando-se para a occasião. Muitas das grandes guerras da historia tem-se produzido quasi que por acaso. Na questão tal como ella era, entre a Austria e a Servia nada havia que não fosse susceptivel de se solver por meios pacificos. Mas no juizo daquelles que guiam e tem acção sobre a politica allemã, tinha chegado a hora de descarregar o golpe que de ha muito se achava premeditado. Em suas mãos estava a escolha entre a paz e a guerra e sua eleição foi pela guerra. Ao assim decidir, como todos sabem, a Allemanha commetteu dois profundos erros de calculo, ambos elles bastante naturaes em homens que chegaram á conclusão que em materias internacionaes tudo se pode explicar e medir em termos de força material.

Quaes foram esses erros? O primeiro foi que a Belgica, um paiz pequeno e prospero, inteiramente alheado de questões

européas, garantido pelo pacto colectivo e separado das grandes potencias, não ficaria resentida e certamente não resistiria ao uso de seu territorio como estrada real para uma força allemã invasora da França. Como poderiam imaginar que este pequeno paiz de preferencia a consentir que a sua neutralidade fosse violada e sua independencia insultada e ameaçada, se achava prompta para que seus campos ficassem empapados com o sangue dos seus soldados, suas cidades e villas devastadas por pillagem, seu esplendido patrimonio de monumentos e tesouros construidos para ella pela piedade, arte e erudição do passado brutalmente reduzidas a ruínas. A dedicação apaixonada de uma população numericamente pequena, ao torrão que tão pouca cousa parece no mappa, o orgulho e inconquistavel dedicação de um povo livre ao seu proprio estado livre, estas coisas evidentemente nunca haviam sido sonhadas pela philosophia do Potsdam.

Raramente na historia se tem visto tamanha disparidade material entre os invasores e os invadidos. Mas a disparidade moral era pelo menos tão grande, pois a indomavel resistencia dos belgas fez mais do que alterar todo o aspecto da campanha. Provou ao mundo que as ideas que se não podem pesar ou medir por calculo algum material, ainda conseguem inspirar a humanidade. É por essa razão que toda a sympathia do mundo civilizado se dirige neste momento para os pequenos estados da Belgica, Serbia e Montenegro, que desempenharam uma parte tão digna nesta historica degladiacão.

Mas a Allemanha foi ainda culpada de um erro mais crasso relativamente a nós. Não me refiro de momento aos grotescos malentendidos sobre os quaes me expandi ha uma semana em Edimburgo, sua crença tão cuidadosamente alimentada de que nós aqui nos achavamos esphacelados pela guerra civil ou paralyzados pela falta de entusiasmo ou deslealdade em nossos dominios e dependencias que se chegasse a combater nós poderiamos ser postos a margem como um factor insignificante. O mal entendido allemão foi ainda mais longe. Perguntaram a si que interesses directos ou indirectos tinha o Reino Unido no conflicto. Por ventura qualquer nação e menos que nenhuma, a phlegmatica, calculista e egoista nação britannica metter-se-hia em lucta custosa e sanguinaria da qual nada podesse esperar como questão de lucro? Esqueceram que nós, como os belgas, tinhamos alguma coisa em jogo que não se pode traduzir no que um de nossos poetas chamou "a sciencia do mais ou do menos meticulosamente calculado."

O que é que tinhamos em jogo? Em primeiro lugar, o cumprimento para com um paiz pequeno e relativamente fraco, da nossa palavra empenhada e sobre isso e alem disso o supporte de todo o systema de boa fé internacional que é obrigação moral de todo o mundo civilisado. Tambem aqui se enganaram em pensar que o reinado das ideas, ideas do velho mundo como as do dever e boa fé, tinham sido supprimidas pela ascendencia da orça. Em qualquer tempo, a guerra é uma cousa monstruosa, e na

melhor hypothese um mal de preferencia a outros peiores e quando peor pouco melhor do que o inferno transportado para a terra. Os prophetas de outrora fallavam da "confusa bulha de batalha e de trajas rolando em sangue," mas nestes nossos dias modernos, com as proporções gigantescas de exercitos contententes e o desenvolvimento scientifico dos instrumentos de destruição, a guerra tornou-se infinitamente mais assoladora do que jamais fôra. A esperança que o reconhecimento de um codigo mais humano abrandaria ou abateria algumas das suas peiores, brutalidades foi rudemente destruida com os acontecimentos das ultimas semanas. A invasão allemã da Belgica e França contribue deveras algumas das paginas mais negras aos seus sombrios annaes. Raro é ter uma população não belligerante, soffrido mais severamente, e raro, se jamais, tem os monumentos de piedade e de erudição, e destes sentimentos de recordações religiosas e nacionaes de que são a incorporação permanente, mesmo nos peiores tempos dos guerreiros mais truculentos, sido tão vergonhosa e cynicamente profanados e por detraz do real theatro do conflicto com o fumo e carnagem ha os soffrimentos dos que ficam, o desbarato da riqueza, a deslocação economica, o legado, o longo legado de inimizades e malentendidos que uma guerra acarreta consigo.

Porque é que dilato sobre estes pontos? É para dizer isto que grande como é a responsabilidade dos que permittem seu paiz ser envolvido nesta sanguinaria conflagração, ha peor ainda do que tomar tal responsabilidade, e é na occasião propria evadila. O nosso procedimento na questão é claro. Luctámos até ao ultimo momento pela paz, e só quando convencidos que o preco da paz era a traição para com outros paizes e a deshonra e degradação do nosso, lançámos mão á espada.

Além deste inquerito das causas e motivos, devo chamar a vossa attenção e a de meus concidadãos para o objectivo que nesta guerra devemos ter em vista. Ha quarenta e quatro annos pelo tempo da guerra de 1870, Mr. Gladstone fez uso destas palavras: "O maior triumpho de nosso tempo será a enthronização da idea do direito publico como idea governante da politica europea." Ja passaram quasi 50 annos. Ao que parece pouco progresso se tem feito no sentido dessa grande e benefica mudança mas parece-me que neste momento é uma definição tão boa como pode ter-se, da nossa politica Europea. A idea do direito publico, o que significa, quando traduzida em termos concretos? Significa primeiro que tudo, a limpeza de terreno pela definida repudição do militarismo, como factor governante na relação de estados e do futuro modelamento do mundo europeo. Significa a seguir, que deve achar-se logar e conserval-o para a existencia independente e livre desenvolvimento das pequenas nacionalidades, cada uma com consciencia collectiva propriamente sua. Deve reconhecer se que a Belgica, Hollanda, Suissa e os paizes Scandinavos, a Grecia e os estados dos Balkans tem direitos exactamente tão bons como os seus mais poderosos vizinhos, mais poderosos em força e riqueza, a um logar ao sol.

É significa finalmente ou deveria significar, talvez por um processo lento e gradual, a substituição da força do embate de ambições contendentes, de agrupamentos e alianças e um equilíbrio precario, por uma verdadeira associação europea baseada no reconhecimento de direitos iguaes estabelecidos e postos em vigor. por uma vontade commum. Ha um anno isto talvez soasse como uma idea utopista. É provavelmente uma que não poderá ser realizada hoje ou amanhã, mas se e quando esta campanha for decidida em favor dos alliados immediatamente entrará no dominio e antes de muito tempo, ao alcance do estadista europeo.

Volto novamente a referir-me por momento, aos aspectos peculiares do caso real sobre o qual me tenho dilatado, porque me parece que deveria appellar especialmente ao povo da Irlanda. A Irlanda é um paiz leal e sei que corresponderia com vivacidade a qualquer appello quando chamada a tomar a sua parte na asserção e defeza dos nossos interesses communs. Mas as consequencias que originará esta guerra são de tal ordem, que a menos que eu me engane no seu povo e mal interprete a sua historia, tocam um corda vibrante tanto na sua imaginação, como na sua consciencia. Como podeis vós, irlandezes, permanecer surdos ao grito das pequenas nacionalidades para que as auxilieis na sua lucta pela liberdade, quer como no caso da Belgica procurando conservar o que ella ganhou ou como no caso da Polonia ou dos estados dos Balkans em reconquistar o que haviam perdido e montando em base estavel o que nunca fora completamente seu? Mais ainda, com podeis vós irlandezes, se é que vos comprehendo conservar-vos friamente atreados e de braços cruzados enquanto que nós em companhia de nossos bravos alliados da França e da Russia estamos oppondo uma resistencia mundial a pretenções que ameaçam paralyisar e esterilisar o progresso e os melhores destinos da humanidade?

Durante as ultimas semanas, Sir John French e suas heroicas forças teem dignamente sustentado a nossa causa. As baixas teem sido pesadas. A Irlanda teve a sua parte. Mas apesar de augmentadas durante a ultima semana á custa da nossa valente armada, por um dos riscos de combate no mar, d'aquelles que cahiram em ambos os serviços, podemos perguntar como é que os homens poderiam ter morte mais digna? Deixaram atraz de si um exemplo e um appello. De todos o cantos do imperio vem correndo a elite de seus homens. O primeiro contingente indiano creio que está hoje desembarcando em Marselha, em todos os portos dos nossos grandes dominios se estão já preparando os comboyos.

Mais de meio milhão de recrutas se alistou já sob as bandeiras e eu venho á Irlanda, embora não preciseis que vos chame, a pedir-vos que tomeis a vossa parte. Tempo houve em que devido as operações de leis, que todos agora reconhecem terem sido injustas e impolíticas, o espirito marcial e capacidade pela qual os irlandeses sempre se tornaram conspicuos encontrava a sua sahida natural nos exercitos estrangeiros do continente.

Tenho visto computado, não sei bem se com precisa exactidão, mas vi o computo baseado de boa fonte, que nos primeiros 50 annos do seculo 18, quando as leis penaes se achavam em pleno vigor aqui, cerca de meio milhão de irlandezes se alistou sob as bandeiras do imperio da França e da Hespanha. Nós na metropole no Reino Unido, soffremos um duplo prejuizo, pois não só eramos depauperados anno a anno de algum do nosso melhor material combatente, mas por mais e mais de uma vez nos encontrámos envolvidos em combates soffrendo e inflingindo perdas mortaes sobre aquelles que poderiam ter sido e sob condições mais felizes seriam nossos companheiros de armas. O imperio britannico sempre teve orgulho e com razão, pelos seus regimentos irlandezes e seus chefes irlandezes e nunca com mais razão do que hoje. Pedimos-vos hoje na Irlanda que nos deis mais e sem regatear. Pedimos á Irlanda que nos dê o maior numero de seus filhos, dos melhores que tiver, que uma activa e leal filha do imperio possa dedicar á causa commum. As condições parecem-me ser excepcionalmente favoraveis para o fim. Ultimamente temos assistido aqui na Irlanda ao alistamento espontaneo e organização em toda as partes do paiz, de corpos de voluntarios. Nada direi, pois que esta noite não desejo entrar uma pollegada sequer em terreno de controversia, nada direi das causas que os fizeram crear originalmente e animaram seu crescimento e força. Apenas direi, isto o maximo a que chegarei no campo da politica e é que na minha mente não posso imaginar duas coisas, primeiro que uma secção de irlandezes vá pelejar contra a outra e segundo que a Grã-Bretanha va pelejar contra uma dellas.

Fallando aqui em Dublin vou-me dirigir por um momento especialmente aos voluntarios nacionaes e pedir-lhes por toda a Irlanda para que contribuam com promptidão e enthusiasmo com um grande e digno contingente de recrutas para o segundo novo exercito de meio milhão que está crescendo como por assim dizer, do terreno. Gostaria de ver e todos nós gostaríamos, uma brigada irlandeza ou melhor ainda, um corpo irlandez. Que não receiem que por se alistarem, elles percam a sua identidade e se tornem absorvidos em alguma massa invertebrada ou o que é igualmente desagradavel, sejam artificialmente redistribuidos em unidades sem cohesão ou character nacional. Desejamos que até ao limite maximo que as exigencias militares o permittam, que os homens que já andaram juntos neste ou aquelle districto se conservem juntos e continuem a reconhecer o laço collectivo que agora os une. E ainda outra cousa de que estou convencido. Temos urgente necessidade de officiaes, competentes e se os officiaes que agora estão exercitando estes homens justificarem a expectativa, não haja receio que os seus serviços não sejam retidos e agradecidos com prazer.

Repito porem, o imperio carece de recrutas, precisa delles de prompto para serem completamente treinados e equipados a tempo de tomarem parte no que pode bem vir a ser as campanhas

decisivas da maior contenda na historia do mundo. Essa é a nossa immediata necessidade e nenhum irlandez que lhe responde deve recear que esteja prejudicando a causa futura dos voluntarios. Não digo, nem posso dizer sob que precisa forma ou organização, confio porem, creio e realmente estou certo, que os voluntarios se tornarão uma parte permanente, integral e caracteristica das forças de defeza da corôa.

Se a nossa necessidade é grande, a vossa oportunidade é ainda maior. O appello que vos estou fazendo é como bem sabeis, apoiado pela sympathia de vossos compatriotas irlandezes de todas as partes do imperio e do mundo.

As velhas animosidades estão mortas, dispersas como as folhas do outomno, pelos quatro pontos cardinães. Somos uma nação unida, devendo e prestando ao nosso soberano o preito cordeal de homens que na sua patria amam e gozam da liberdade, pela qual os nossos soldados e marinheiros estão pelejando por terra e por mar para a sustentar e conceder aos outros. Não se trata de compulsão ou corrupção. O que queremos, e cremos é que estaes promptos e anciosos a dar, é a offerta livre de um povo livre.

DISCURSO EM CARDIFF, 2 DE OUTUBRO DE 1914.

No decurso do mez passado, fallei em comicios em Londres, Edimburgo e Dublin e agora completando a tarefa a que me propuz e que a bondade das nossas grandes municipalidades me permittiu executar, venho a Cardiff. A Inglaterra, a Escocia e a Irlanda teem cada uma uma, cidade capital devidamente definida, mas sempre entendi que havia algumas duvidas sobre qual a capital do principado de Galles no mappa. Galles é uma entidade unica e indivisivel, com vida propria derivando a sua vitalidade de um passado bem antigo e ambos creio eu, em volume e realidade de sua actividade nunca com mais virilidade do que presentemente. Não sei porem que haja accordo geral entre os gallezes sobre qual seja a sua capital e sem tentar como estranho differenciar ou reconciliar pretenções em conflicto encontro me aqui no que se pode chamar um ponto de vantagem sob a hospitalidade do Lord Mayor de Cardiff.

Apezar de não ser extranho a Galles, podeis comtudo perguntar porque que é que vos pedi permissão para dirigir-me a esta grande audiencia esta noite. Não sou completamente um homem desoccupado e durante os ultimos dois mezes, posso dizer com franqueza, que mal tem passado um dia, ou mesmo poucas horas em que não tenha estado preocupado com graves cuidados e responsabilidade. Mas durante todas ellas tenho sido e sou sustentado pela fé profunda e inabalavel do direito da nossa causa e pela esmagadora evidencia de que no proseguimento e sustento dessa causa, o governo tem atraz de si sem

distinção de raça, partido ou classe todo o apoio moral e material do imperio britannico. Aproveito esta occasião para reconhecer e acolher á declaração da nossa situação que as igrejas christãs do reino unido por intermedio de alguns de seus chefes e ministros mais distinctos apresentaram esta semana ao mundo.

Não repetirei e por certo não posso adiantar nem mesmo estou aqui esta noite para argumentar sobre proposições que todos os cidadãos britannicos em qualquer parte do mundo consideram hoje como fóra das regiões de controversia. Não creio que na historia da humanidade tenha havido em uma communitade tão vasta e diversa um accordo tão unanime de proposito tão concentrado, consciencia de corporação tão nitida, tão convicta, cooperação tão espontanea tão ardente e tão resoluta. Imagine-se o que representa aqui neste Reino Unido—Inglaterra, Escocia, Irlanda e Galles—ouvir uma só voz clara, harmoniosa e unida, enquanto que no ultramar os nossos grandes dominios, o Canadá, Australia, Africa do Sul, Nova Zelandia, as colonias da Corôa reforçam o coro.

Na India onde o que ganhámos pela espada retemos e mantemos pelo titulo mais esplendido de governo justo e desinteressado, pela authoridade, não de um despota, mas de um tutor, a resposta ao nosso appello commum impressionou-nos profundamente e desfez absolutamente todos as vãs e ignorantes imaginações de nossos inimigos. É esse um espectáculo notavel ou mesmo unico.

O que é que excitou a imaginação, despertou a consciencia, alistou a virilidade, moldou em uma força compacta e irresistivel as energias e a vontade da maior estructura imperial que jamais se tem conhecido no mundo? É essa uma questão que de momento vale bem a pena perguntar e conhecer. Deixai-me que vos diga pois, em primeiro logar negativamente, que não somos compellidos, nenhum de nós, por qualquer dos motivos que occasionaram as sanguinolentas luctas do passado. Neste caso, pela parte que nos toca, a ambição e aggressão não desempenharam papel algum. O que é que queremos?

Qual é o nosso alvo? O que é que temos a ganhar?

Somos uma associação grande, universal e pácifista. Pela sabedoria e coragem dos nossos antepassados, pelos grandes feitos de heroicidade e aventura por terra e por mar, pela perspicacia e sagacidade innata, pela provada experiencia de muitas gerações, construimos um dominio que tem por contrafortes as duas columnas da liberdade e da lei. Não somos tão vaidosos ou insensatos que não percebemos que no decurso de um longo espaço não se tenham commetido erros ou mais que erros e que hoje o nosso dominio não fica aquem do que em nossas ideias poderia e deveria ser e que cremos esteja destinado a ser. Mas tal como o recebemos e tal como esperamos deixal-o, com elle estamos satisfeitos.

Não cobiçamos o territorio de outrem. Não temos desejos de impôr o nosso dominio a povos estrangeiros. Basta-nos o

imperio britannico. Tudo o que desejavamos, tudo o que desejamos agora é que nos permittam viver em paz para consolidar os nossos recursos proprios, levantar dentro do imperio o nivel da opportunidade commum, apertar mais o laço de affeição e confiança entre as suas partes e tornar-o por toda a parte o digno lar das melhores tradições da liberdade britannica. Não se segue pois d'aqui, que em parte alguma do mundo haja um povo que tenha motivos mais fortes para evitar a guerra e procurar e assegurar a paz? Porque é pois que o povo britannico em toda a largura e extensão de nosso imperio se acha transformando as relhas dos arados em espadas? Porque é que o melhor dos nossos homens habeis estão abandonando os campos, as fabricas e os escriptorios pelos os centros recrutadores e o campos de manobras?

Se, como disse, não temos desejos de accrescentar aos nossos encargos imperiaes quer em area quer em responsabilidade é igualmente verdade que ao entrar nesta guerra não tinhamos vontade a satisfazer, nem aggravos nossos a vingar. Para com a Allemanha em particular, a nossa politica, repetidas vezes declarada em parlamento, resolutamente proseguida, anno apoz anno, tanto em Londres como em Berlim, a nossa politica tem sido ir affastando, uma por uma, as causas existentes de possiveis atritos e desta maneira estabelecer uma firme base para cordiaes relações nos dias vindouros.

Dissémos desde o principio—tenho o dito repetidas vezes e assim o tem dito, tambem Sir Edward Grey, temol-o dito desde o principio que as nossas amizades com certas potencias, com a França com a Russia e com o Japão, não deviam ser encaradas como representando esfriamento de sentimentos e muito menos propositos hostis contra qualquer outra potencia. Mas ao mesmo tempo fizemos claramente ver citando as palavras usadas por Sir Edward Grey, já em Novembro 1811, cito as suas palavras textuaes: “Não se fazem amizades novas que valham a pena, desertando as antigas. Venham embora as novas amizades, mas sem sacrificar as antigas que possuimos.” Tem essa sido, e confio que continuará a ser a attituded aquelles a quem o Kaiser na sua já notoria proclamação descreve como os “traioeiros inglezes.”

Expuzemos (desejo chamar não só a vossa attenção como a do mundo inteiro para este facto já que tantas lendas falsas se estão inventando e circulando) no seguinte anno, no anno de 1912, expuzemos em termos cuidadosamente approvados pelo gabinete e que citarei textualmente, o que as nossas relações com a Allemanha deveriam ser, em nossa opinião. “A Inglaterra declara que não fará, nem se juntará a nenhum ataque, sem premeditação, contra a Alemanha. A aggressão contra a Allemanha não é objecto nem forma parte de qualquer tratado, entendimento ou combinação de que a Inglaterra é parte actual nem tomará parte, seja no que fôr que tiver tal objecto em vista.” Nada ha de ambiguo ou equivoco a este respeito.

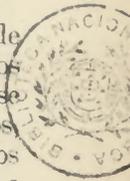
Isso porem não era bastante para os estadistas allemães. Queriam que fossemos mais longe. Pediram-nos que empenhassemos a nossa palavra pela neutralidade em absoluto, no caso da Allemanha se achar envolvida em guerra e isto, note-se, quando a Allemanha estava augmentando enormemente os seus recursos tanto offensivos como defensivos, especialmente pelo mar. Pediram-nos, usando de linguagem desmascarada, que lhes dessemos carta branca no que nos dizia respeito, para quando elles escolhessem a occasião de subjugar e dominar o mundo europeu.

A tal pedido só havia uma resposta e essa foi a que démos. Todavia continuámos durante os ultimos dois annos e nunca mais energicamente e com mais successo do que durante a crise dos Balkans do anno passado, a trabalhar pela paz da Europa, bem como pela creação de uma melhor atmosphera internacional e uma cooperação mais cordial entre todas as potencias. De ambos os pontos de vista, o dos nossos interesses domesticos como reino e imperio e o da nossa attitude politica definida, nos conselhos da Europa, uma guerra como esta, que lesa o primeiro e faz malograr o segundo é pode e só ser considerada como entre a peor das catastrophes—entre a peor das catastrophes, mas não a peor.

Ha quatro semanas, fallando eu na Guildhall, na Cidade de Londres, quando a guerra estava ainda de dias, perguntei aos meus concidadaõs com que semblante, com que consciencia, se nós vilmente tivéssemos optado por nos conservar alheios poderíamos ter observado de dia a dia o terrivel desenrollar dos acontecimentos, a fé publica vergonhosamente calcada aos pés, a desenfreada invasão da Belgica e da Franca, por hordas que a cada étape da sua marcha deixam um triste rasto de selvageria, de devastação e de profanação digno dos annaes mais negros da historia do barbarismo. Foi isto ha quatro semanas. A guerra já dura ha sessenta dias e cada dia que passa tem accrescentado a este quadro traços sombrios e repellentes. Vemos agora claramente escripto em letras de carnagem e espoliação os objectivos reaes e methodos de este plano de ha muito preparado e bem organizado contra as liberdades da Europa.

Nada direi dos outros paizes, não faço, juizos a seu respeito, mas se nós aqui na Grã-Bretanha nos tivéssemos abtido permanecendo neutraes, sendo perjuros á nossa palavra, desertando nossos amigos, hesitando e transigundo com os simples dictames do nosso dever, sim, se não nos tivéssemos mostrado promptos a bater-nos com todas as forças contra o inimigo commum da civilização e liberdade, nada mais restaria á nossa patria do que vendar o rosto por vergonha e preparar—se por sua vez, pois que a sua vez chegaria, para partilhar da sorte que com muita razão teria merecido e depois de seculos de gloriosa existencia baixar á campa “ sem ser chorada, sem ser honrada e sem ser cantada.”

Reconheçamos com alegria, o que cada dia torna mais claro, que o mundo está tão prompto como sempre esteve e parte



alguma mais prompta que o imperio britannico a comprehender e corresponder a consequencias moraes. A nova escola de pensamento allemão tem estado ensinando durante uma geração passada, que nos negocios das nações, não ha nenhum codigo de moralidade. Segundo a doutrina delles força e mais força é a prova e a medida do direito. Como os acontecimentos que se tem dado perante nós o tem demonstrado, teem conseguido bem por demais endoutrinar com o seu credo, não direi o povo da Allemanha, como Burké, não procuro formular uma accusação contra uma nação, não direi o povo da Allemanha mas aquelles que manipulam e executam a politica allemã.

É porem um desses productos do genio allemão, que destinado ou não esclusivamente para consummo domestico, felizmente não encontrou mercado no estrangeiro e certamente não dentro dos limites do imperio britannico. Acredita-se ainda, aqui, povo antiquado como somos, na sanctidade dos tratados, que os fracos teem direitos e os fortes deveres, que as pequenas nacionalidades teem precisamente tanto direito como as grandes á sua vida e independencia e que a liberdade por si só vale hoje tanto a pena o combater como sempre o valeu no passado. E ao terminar desta guerra estamos contando com uma Europa em que estas grandes simples e veneraveis verdades serão resguardadas e reconhecidas, contra a recrudescencia da era de sangue e ferro. Em poucas palavras, é essa a razão da nossa frente unida, a que trouxe os nossos valentes guerreiros a Marselha, que está extrahindo dos nossos mais affastados dominios o melhor de seus varões, que em dois mezes transformou o Reino Unido em um vasto campo de recrutamento.

Ora eu vim aqui esta noite não para falar mas para tratar de negocio. Antes de me sentar, desejo dizer-vos algumas palavras practicas. Estamos confrontados, como sabeis e reconheceis pela maior das crises de nossa historia. Todas as partes do Reino Unido e todos os homens e mulheres em todas as partes do mesmo são chamados para que façam a sua contribuição e cumpram sua parte e a nossa obrigação primaria é a de encher as fileiras. Em algumas partes ha uma apprehensão que o recrutamento para o novo exercito e as funções destinadas a esse exercito quando formado e trenado possam interferir ou de qualquer modo desprestigiar e apoucar as forças territoriaes. Podem estar certos que não ha illusão mais pernicioso ou mais completa.

Nenhum elogio é demasiado para os esforços aturados e patrioticos das associações dos condados ou para a qualidade e eficiencia de nossas tropas territoriaes. É relativamente facil fazer grandes esforços e sacrificios em presença da pressão e exigencias da suprema crise que estamos soffrendo. Os territoriaes sem estimulo algum, nos tempos halcyoneos de paz quando a guerra e os soffrimentos e as luctas da guerra eram contingentes e remotos, estes homens deram o seu tempo sacrificaram as suas horas de ocio, não só para as suas manobras annuaes, mas em milhares de casos, tanto os officiaes como as

praças dedicaram as suas horas disponiveis em se preparar com o estudo pratico da arte de guerra. Acham-se agora incorporados ha dois mezes e exprimindo a opinião valiosa de um dos generaes mais eminentes, direi que as divisões actualmente em campo em varias partes do paiz, justificaram plenamente o seu direito a desempenhar qualquer papel que lhes fór distribuido, quer para defeza do paiz, para guarnecer as nossas cidades fortificadas, ou nas linhas de combate no theatro da guerra.

Não é pois falta de apreciação do patriotismo e da efficiencia das nossas forças territoriaes que me levou esta noite a pedir vos recrutas para o exercito de linha. Desejamos tanto quanto nolo permitem as exigencias militares, que os novos batalhões e esquadrões e baterias retenham as suas ligações locaes e seu character collectivo nacional e distinctivo. Lembremo-nos que a autonomia das nacionalidades menores é um dos grandes resultados desta gigantesca contenda.

Fui ha uma semana a Dublin fazer um appello á Irlanda. Pedi aos irlandezes então, como agora faço, em nome do governo e do ministerio da guerra, que se alistassem e prehenchesem o complemento de um corpo de exercito Irlandez. Repito igual pedido aos homens de Galles. É isto que queremos. Queremos que prehenchais as fileiras de um corpo de exercito de Galles. Cremos que a preservação dos laços nacionaes e locaes, do genio de um povo que tem sua historia propria, não só não é hostile ou inconsistente, mas pelo contrario, estimula, anima e robustece o espirito, de um objecto commum, de uma fraternidade collectiva de uma unidade de immanente e obrigatoria por todas as secções e entre todas as fileiras e forças da corôa.

Homens de Galles, de quem vejo tantos milhares nesta esplendida reunião, deixai-me dizer-vos una ultima palavra. Lembrai-vos de vosso passado. Lembrai-vos dos valles e montanhas que em tempos idos foram o abrigo e terreno de recrutamento de vossos paes nas luctas que adornam e glorificam vossos annaes. Nunca houve um appello mais forte ou mais impulsivo que tanto se dirigisse ao que vós como nação mais honraes e consideraes como verdadeiro. Sêde digno dos que foram adiante de vós e deixai a vossos filhos o mais rico dos legados, a memoria de paes que em uma grande causa preferiram abnegação ao conforto, e hora á propria vida.
